

de barro, em caracteres cuneiformes, datando, os mais conhecidos, de pelo menos 4 mil anos. Da forte cultura egípcia pouca coisa chegou até nós, uma vez que os seus escritos eram gravados em papiro, um material excessivamente frágil e pouco resistente ao tempo e ao manuseio. A maior parte daquilo que essa civilização nos legou veio até nós depois da invenção do pergaminho, um suporte bem mais resistente, largamente utilizado pelos gregos.

A antiguidade grega, com os seus grandes filósofos e teatólogos, e com a difusão plena do pergaminho, foi a que mais trabalhou pela guarda e conservação dos seus escritos, deixando-nos grandes e valiosíssimas coleções. Um desses colecionadores foi Aristóteles, que, além de ter sido um dos homens mais inteligentes do mundo e um dos maiores pensadores da humanidade, foi também um dos primeiros a colecionar escritos, os seus e os dos principais pensadores do seu tempo. Dizem que ele gastava quase tudo o que ganhava na compra de livros preciosos. Sua coleção foi, depois, dividida entre as bibliotecas de Alexandria e de Pérgamo, os dois mais importantes centros da cultura grega².

Com a invasão dos exércitos de Roma e a conquista militar do mundo grego, essas bibliotecas foram incendiadas e foi espoliado o que delas restou. A Grécia foi transformada em mera província romana e aconteceu aquilo que todos sabem: a Grécia, vencida pelas armas, venceu Roma pela cultura. E Roma se tornou uma cidade culta. Com o advento de Júlio César (101 – 44 a.C.), nasceu a primeira idéia da fundação de uma biblioteca pública. Escritor, historiador e autor de algumas peças teatrais, César confiou a sua idéia a Terencius Varronius, que, morrendo cedo, a transmitiu a Asinius Polianus, que a assumiu e a levou a termo. A partir de então, tomou enorme surto essa feliz fusão das duas culturas, grega e latina, e as bibliotecas ganharam enorme impulso. Em pouco tempo a Roma imperial chegou a ter 28 bibliotecas públicas, sendo a mais famosa delas a de Ulpia, situada no foro Trajanus e algumas particulares, que chegaram a contar com 60 mil livros.

Esse apogeu, porém, não durou muito. Com a queda do Império Romano e a barbarização das cidades, o povo perdeu o hábito da leitura e o zelo pela guarda e conservação dos